

A questão educacional

Não é apenas acontecimento desagradável, mas, igualmente, um motivo adicional de preocupação para todos os pais de famílias, coincidir a abertura do período escolar com o início da campanha salarial dos professores. Como se não bastasse o atual déficit de salas e educadores na rede oficial, objeto de soluções já determinadas pelo governador Joaquim Roriz, mas, ainda, não consumadas, junta-se mais um complicador na já conturbada situação educacional do DF.

No que respeita à qualificação do sistema, não se sabe precisamente o que seria mais relevante anotar, se a posição desconfortável das rendas do professorado ou se a insuficiente formação da maioria. Pelo que se pode perceber, ambos os fatores concorrem para o perfil deprimente do ensino. O professor não busca o aprimoramento profissional porque lhe falta o estímulo de salários compatíveis; e não ganha salários compatíveis porque lhe falta o aprimoramento profissional. Está-se diante de um ciclo vicioso de rompimento difícil, enquanto não for possível o exercício de uma política de conteúdo estratégico, de responsabilidade conjunta dos três níveis administrativos, o federal, o estadual e o municipal.

De semelhante conturbação do panorama educacional resulta, como é óbvio, a baixa qualidade do ensino, com nociva incidência na formação da juventude. O fenômeno explica, aqui como de resto em todo o País, por que o estudante enfrenta dificuldades significativas para ingressar na Universidade. A grande maioria recorre aos subsídios suplementares dos chamados "cursinhos", sem os quais

baldam-se os esforços para alcançar os estágios superiores do ensino. Trata-se de deformação estrutural bastante grave, há décadas diagnosticada e ainda longe do fim.

A questão salarial dos professores, que entra em pauta justamente no início do ano letivo na rede pública, para a qual convergem mais de 383 mil alunos, deve ser tratada dentro do contexto aqui exposto. Há de haver algum meio de ajustá-la às ambiguidades e disfunções estruturais do sistema, de um modo que possa contribuir, senão para elidi-las, pelo menos para torná-las menos prejudiciais. É certo que a erosão inflacionária reduz os ganhos salariais e, por isso mesmo, a reparação pleiteada sempre será examinada de acordo com a realidade.

Todavia, é fundamental que não só os salários sejam objeto da preocupação da categoria. Faz-se indispensável questionar o sistema educacional como um todo, a fim de abrir espaços a iniciativas como o aperfeiçoamento dos mestres, o aprimoramento dos modelos didáticos, a melhoria dos currículos, a oferta mais adequada de salas e as próprias condições materiais de funcionamento das escolas. Se o corpo docente agir em tal direção, isto é, sem fixar-se apenas na reivindicação salarial, ainda que eventualmente justa, dará demonstração de maturidade e de lúcida consciência sobre a problemática educacional. É, pelo menos, o que esperam os pais de famílias neste início de ano letivo marcado pelas turbulências da campanha salarial dos mestres, que se refletem inevitavelmente em todo o processo de ensino.